

## A OUTRA LEI DE GERSON *in memoriam* de Gerson Moura (1939-1992)

José Carlos Sebe Bom Meihy\*

São Paulo, 16 de junho de 1993

Gerson Moura morreu em dezembro de 1992. Ausente, deixou junto à saudade um rastro intelectual luminoso. É sobre sua produção que amigos, e principalmente admiradores, têm se debruçado avaliando o inventário historiográfico legado. Esta herança faz-nos tributários de uma obra que passa, gradativamente, a ser conferida integrando o que de melhor um acadêmico pode deixar para o contexto: sua produção intelectual.

Antes de visitar aspectos da obra do colega ausente, cabe dizer que convivi pouco com Gerson. Parceiro de sala de trabalho, nossos encontros eram cadenciados pelo calendário escolar ainda que embalados por simpática, e rara, sintonia com vários aspectos da vida universitária. Compartilhamos afinidades e oposições em virtude de um de nossos temas de estudo: a questão interpretativa, pelo viés histórico, do *outro*. Particularmente porque o *outro* de Gerson remetia à reflexão sobre o *império moderno* e suas manifestações em face das *novas colônias*, saudava sua coragem no enfrentamento da problemática analítica do poder, na valentia de ser quase solidário ao falar das formas de interferência estrangeiras na definição da política nacional. Desdobramento natural disto, admirava sua audácia contida na determinação de ser historiador numa época atingida pelo relaxamento das fronteiras disciplinares e plena de atitudes ditadoras da reflexão sobre o *outro* a partir de pressupostos antropológicos, romantizados e, de regra, alienantes.

Porque preferiu estudar a constituição dos impérios modernos, com ênfase nos Estados Unidos, segundo orientações possíveis dentro de fundamentos genéricos derivados da própria História, Gerson trilhou por uma estrada incomum e por gêneros mal entendidos entre nós: a *História diplo-*

---

\* Departamento de História/USP.

*mática e a História das relações internacionais.* Impressiona-me, não pouco, a maneira teimosa e original com que Gerson militou nestes dois campos. permitindo-se passar por *doublé* de cientista social – alternativa única para conseguir dimensões caras às suas propostas no Brasil. Mesmo convivendo intensamente com essa comunidade, nunca, entretanto, trocou os fundamentos da História, provocando, pelo inverso, a requalificação daqueles dois ramos da historiografia tão pouco considerados na listagem das preferências nacionais. Hoje, é impossível falar em *História Diplomática brasileira* e em *História das relações internacionais no Brasil* sem recobrar a produção de Gerson.

Vindo, como ele próprio dizia, "das montanhas de Minas Gerais" era fácil identificar no colega ausente a vocação para perceber o Brasil como um todo político. Sempre, porém, considerava a História a partir de questões relevantes. Sim, a obsessão em definir o que seria importante em termos de estudo fez sempre deste colega um exemplo precioso. Não me lembro de vê-lo nunca, abrir mão deste pressuposto que aliás atravessou sempre seu interesse intelectual. Em todas as conversas que mantivemos sobre o assunto funcionava sempre o mesmo motor: *é significativo estudar isto? a que concorrerá tal pesquisa?* Curiosamente, numa época em que tanto se faz contra a História política, em um tempo em que as implicações das estruturas econômicas externas são substituídas por aspectos relacionados ao cotidiano despolitizado, ao pitoresco exótico, ao mental gratuito, ele parecia um atento procurador de *outras coisas*. De tudo que guardo de mais efetivo destas conversas está uma frase que alarma: *Não sei qual o futuro da História que se faz no Brasil, estão querendo acabar com a História política e econômica do país.*

Tendo passado pelo Rio de Janeiro, São Paulo e por Campinas, atuando como profissional dentro do Centro de Pesquisa e Documentação de história Contemporânea, na Fundação Getúlio Vargas do Rio; depois de desenvolvido estudos em alguns dos arquivos mais importantes do mundo para a verificação das teses que propunha, Gerson Moura defendeu seu doutorado em 1982 no *University College* de Londres. Publicou vários trabalhos atentos ao comportamento político brasileiro em face das largas questões do contexto internacional, e, assim, abria uma avenida ampla para desfilar a sua coerente e articulada produção. A sonoridade de seu trabalho pode ser medida a partir da consideração de que o livro, de 1984, *Tio Sam chega ao Brasil*, publicado pela Editora Brasiliense, em 1991 encontrava-se em sua 7ª edição. Escrita para um público mais restrito, arrola-se entre outros textos – não menos significativos: *A Campanha do Petróleo* (Brasiliense, 1986) e os *Sucessos e Ilusões – relações internacionais durante e após a Segunda Guerra Mundial* (Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1991).

Desde seu mestrado defendido no IUPERJ, em 1979, Gerson mostrava-se um digno intelectual, representante do que produziu de melhor a geração dos que foram jovens nos atribulados anos 60. A escolha de seus temas de estudo evidencia preocupações despertadas no âmago da contracultura. Foi do protesto que derivou sua oposição – falo, porém de uma consistente, discreta e solidificada rebeldia, nutrida no saber universitário. Sua monografia de mestrado *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942* (Nova Fronteira, 1980) foi a semente para o seu destino de renovador das teses consagradas pela historiografia a respeito da política brasileira em relação ao convívio com os parceiros internacionais.

Nunca se furtando de pensar o Brasil – mesmo quando remetia a exegese de outros contextos –, trocou o nacionalismo fácil para abraçar de maneira pouco defensiva – por isto mais lúcida – a percepção da originalidade nacional em termos de respostas às políticas externas. Sem abandonar a noção de *pais periférico* Moura supera-a ao exibir mediante farta argumentação as soluções engendradas na cultura política de nossos governos. O perfilamento de seus trabalhos mostra a seqüência de idéias que garantem a imperiosidade de se analisar o Brasil costurando-o no tecido internacional. Sem isto, a seu ver, nossa produção historiográfica seria comprometida pelo parcialismo, pelo isolamento e por uma visão descontextualizada. Mais que ninguém, ele evidenciava a preocupação com a indivisibilidade das duas faces da moeda histórica. Em seu recente *Sucessos e Ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial* nota-se a construção de uma ponte estabelecida entre uma proposta articulada no passado, quando do início de suas reflexões, com outra que desabrochava, apontando para um futuro que infelizmente não foi por ele concluída.

Gostaria de abordar, ainda que palidamente, um ângulo da proposta internacionalista que qualificou a obra de Gerson Moura. Celso Lafer em texto recente (Revista de Estudos Históricos, 10, pp. 131-133) pontua, considerando o lado brasileiro, que Gerson periodizou etapas das políticas nacionais consubstanciadas na relação entre o que ele chamou de *autonomia na dependência* – característica do governo de Vargas – e o que, também nominado por ele, *alinhamento sem recompensa* – característico do pós-guerra, do governo Dutra. Segundo Lafer, Gerson estaria projetando os desdobramentos de sua teoria para os momentos mais próximos, atingindo o governo de J.K. Em tudo haveria uma lógica e nesta percepção evolutiva residiria o teor histórico do autor. Concordando com o pressuposto de Lafer torna-se mais fácil justificar, inclusive a coerência da temática escolhida pelo então ainda mestre Gerson Moura. Vivendo o ambiente intelectual dos anos 60, seu ponto de chegada expressaria os dilemas de uma geração de novos intelec-

tuais. Portanto o que ele colocava em questão não era apenas a compreensão de seu tempo mas, muito mais do que isto, um conceito de História que, entre nós, masmorrava em velharias.

A análise do comportamento norte-americano em face do Brasil ganha em Moura significado importante. Ainda que rendendo tributo às exigências do tempo, valendo-se do humor combinado com a crítica, construiu uma análise que emerge da panfletagem corriqueira que caracterizava a produção sobre os Estados Unidos vistos do Brasil. Gerson Moura, claro, denunciou a intenção ideológica da propaganda norte-americana, deixando, contudo, veios abertos para correr o exame da contradição existente no mesmo projeto. Se, por um lado, instruíra com impressionante quantidade de detalhes e informações quais as artimanhas de *Tio Sam*, mostrava também que no conjunto de personagens que animavam esse processo de estabelecimento de uma nova forma de dependência – agora cultural, substituta, desde Roosevelt, da mal vista política do *big-stick* – havia *exceções louváveis* e que nem todos estadunidenses usavam os óculos do preconceito e do utilitarismo empresarial ou político. Ao abrir caminho para mostrar as fraturas da monolítica atividade de penetração cultural norte-americana no Brasil, Gerson Moura garantia que através de *cientistas sociais como Herskowitz e Wagley* foi estabelecido um novo plano de troca, intelectual e acadêmico, mais legítimo. Torna-se importante perceber que Gerson trabalhava com o conceito de modernidade para estabelecer como a cultura de massa era instrumentalizada como artifício da dominação moderna tanto governamental como empresarial. Com isto atingia uma das questões centrais dos anos 60 e integrava-se pois no diálogo que no Brasil fora assumido por Octávio Ianni e Moniz Bandeira, diferenciando-se contudo, pois não via na intelectualidade o reflexo direto e orgânico das intenções governantes.

Seguramente entre o texto sobre *Tio Sam* e a produção mais recente, desdobram-se idéias e teorias interpretativas. Insatisfeito com a mera exibição dos fatos que personificavam o gigante imperial norte-americano, buscou evidenciar os contextos em que se desenhavam as orientações políticas e governamentais tanto no Brasil como dos Estados Unidos. Frisando que o saber acadêmico tendia a uma independência do poder institucional, no artigo *Distância e diálogo: história e ciências sociais nos Estados Unidos*, Moura examinou as orientações que presidiram as mudanças da percepção histórica nutrida no coração do império.

Decorrencia desse estudo, uma engenhosa operação analítica, feita entre as malhas da atividade institucional do governo e a produção intelectual, fez brotar um novo texto vigoroso – seu último e que está em fase de publicação – onde enfrenta o exame da historiografia norte-americana. Certamente a mensagem que Moura deixou caminha para a definição da inco-

rência entre a política de Washington, a produção historiográfica sobre o passado norte-americano e a cultura de massa. Somente esta conclusão faria a obra de Moura um aporte importante, principalmente num país tão isolado como o nosso, onde ainda preside um *nacionalismo acadêmico* pobre e orgulhoso. Porque nega a mecânica relação entre o saber e sua instrumentação pelo Estado, Gerson, abria um caminho interessante para se repensar tanto o papel do governo como o do saber vulgar e acadêmico.

O exame, ainda que breve, do trajeto intelectual vivenciado por Gerson Moura, em relação à gênese e atuação dos mecanismos de domínio do *império*, em especial dos Estados Unidos, convida a supor que sua valentia era grande. Escrever, a partir do Brasil, sobre uma das produções mais profícuas da historiografia ocidental implicaria, pelo menos, em fôlego, paciência e sobretudo segurança. Estas virtudes estiveram presentes em Gerson que teve a coragem de periodizar a produção historiográfica norte-americana concatenando as etapas que se superaram, a saber:

- 1) a *origem romântica* emblemada no *destino manifesto* em sua forma expressa no fim do século;
- 2) o advento da *História científica* apoiada nos princípios evolucionistas e valoradora da *temática institucional*;
- 3) as propostas da *New History* que, comprometida com o conhecimento das *forças sociais*, valorizava os estudos extremados entre duas obsessões: a da reflexão sobre *comunidade* (micro-estrutura) em uma ponta, e, em outra, sobre *cultura* (macro-estrutura);
- 4) indo para o *relativismo histórico* da década de 30, que admitia como pressuposto *as rupturas nos processos*;
- 5) finalizando define como fundamental a fase, que ia do pós-guerra até a década de 50, definida como a vocação social da historiografia voltada para a *continuidade histórica*. Esta seria a etapa mais importante para Gerson Moura pois aí residiria a gênese do *caráter do povo americano* da qual decorreria a sutileza da dominação pós-rooseveltiana, feita através da cultura de massa. Foi este o encaminhamento que gerou luz explicativa para toda a teoria proposta por Moura. O *caráter* como matriz do *american way of life* seria o ponto de origem dos critérios do expansionismo da moderna sociedade norte-americana. Os efeitos disto, e o entendimento deste processo seriam condições para se entender as políticas culturais, econômicas e as artimanhas de convívio.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. A outra lei de Gerson. In memoriam de Gerson Moura (1939-1992).

Cabe, para finalizar, sair da reflexão do trabalho do colega Gerson Moura. Quero render, em nome de muitos colegas, uma homenagem que extrapola os limites do reconhecimento intelectual. Porque entendemos que vida e obra são indissociáveis, relacionamos a produção acadêmica de Gerson e sua atitude ética e moral em relação à vida. Moura pagou caro as injustiças que lhe foram impostas. Mas, mestre, deixou-nos em troca uma nova versão da *lei de Gerson*. Com seu trabalho infatigável, com sua determinação pessoal, retribuiu com o melhor de si mostrando que não se tira vantagem de tudo.